

Diálogo epistolar entre Candido e Rama: em busca da utopia latino-americana.

Rafael Marino⁸

Resenha do livro:

ROCCA, Pablo (ed.). *Conversa cortada: a correspondência entre Antonio Candido e Ángel Rama*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul; São Paulo, Edusp, 2018.

Com a publicação do livro editado por Pablo Rocca, *Conversa cortada: a correspondência entre Antonio Candido e Ángel Rama*, os leitores brasileiros terão em mãos o conjunto de cartas trocadas entre dois dos mais destacados e importantes críticos literários e culturais latino-americanos, durante os anos de 1960 e 1978. A fruição do diálogo afiado entre os críticos uruguaio e brasileiro, suas referências, ensaios e visadas sobre a cultura, por si só já seria um ganho enorme à inteligência, à pesquisa e à crítica da cultura – até porque são poucos, apesar de esforços dos estudos epistolográficos, diálogos desta monta trazidos ao público entre intelectuais deste quilate pertencentes a um país ibero-americano e ao Brasil (Rocca, 2018: 9) – todavia, como poderíamos depreender desde o detalhado prólogo do crítico e professor de letras uruguaio Pablo Rocca, encontramos-nos diante da tentativa de atualização e legitimação de uma utopia latino-americana.

Tal utopia, galvanizada por uma formação humanista, salpicada por um marxismo moderado – conforme autodefinição dada por Candido em entrevista a Rama, em 1960 (Rocca, 2018: 14), mas que bem serve aos dois autores

8 Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo – Brasil – rafael.marino50@gmail.com

–, intentava construir uma sociedade futura mais justa, igualitária e integrada, cuja justificação passaria justamente pela constituição de uma espécie de cartografia cultural da América Latina. Esta passou a ser delineada já na década de 1960, com a troca de textos e o intercâmbio entre os autores, e passa a ganhar corpo definitivamente em meados de 1973, quando Rama, exilado na Venezuela, e outros críticos latino-americanos dão início ao colossal empreendimento da conhecida biblioteca Ayacucho e Candido é convidado a fazer parte do seletivo time de intelectuais responsáveis pela biblioteca – encarregado do pensamento e criações literárias brasileiras.

Este ponto de vista ético, de ambos os críticos, pode muito bem ser aproximado do que Candido (2011) chamava de *radicalismo político*, preocupado em buscar uma solução democrática e popular a nação, com a diferença, entretanto, de agora a escala não ser mais nacional, mas sim continental. Armados disso, Candido e Rama buscarão em suas atividades e militância intelectual dotar os países latino-americanos de um novo patamar civilizacional e cultural, algo que chega mesmo a ser comovente em suas cartas trocadas, devido aos percalços materiais e históricos vultosos que enfrentavam. Por um lado, o subdesenvolvimento e a dependência econômica – tão bem analisados por Celso Furtado e Fernando Henrique Cardoso, personagens presentes no diálogo epistolar dos críticos –, característicos do que chamam de *Nossa América*. Insistentemente presentes tanto nas péssimas condições de comunicação e ligação entre os países, que aparecem aos leitores pela frequente reclamação quanto aos serviços postais⁹, os quais tornavam o envio e recebimento de livros e documentos uma atividade quase hercúlea, quanto pelas dificuldades de financiamento de seus projetos. Por outro lado, ambos os intelectuais eram açoitados pelas ditaduras militares que barbarizavam seus países de origem, iniciadas em 1964 em terras brasileiras e em 1973 no Uruguai, e, como resultado da violência estatal perpetrada sistematicamente contra setores variados das sociedade-civil, perseguia intelectuais e tentava tutelar instituições universitárias e de pesquisa, bem como sua produção, levando, conforme expuseram Candido e Rama, a situações

9 Em carta de 25 de maio de 1960, Candido chega mesmo a afirmar: “Estão os nossos respectivos correios conspirando contra a literatura? Fico tanto mais apreensivo, quando não me chegou de Montevidéu um pacote de livros que aí comprei, e que a livraria mandou ainda em fevereiro!” (Candido *apud* Rocca, 2018: 51). Ou em carta em 1º de Julho de 1975 de Rama: “Você sabe se receberam esse pedido e que motivos têm para não responder? Como penso que os carteiros botam no lixo uma de cada duas cartas que recebem, posso deduzir que não receberam o pedido” (Rama *apud* Rocca, 2018: 98).

catastróficas e permeadas de tristeza, contra as quais tentavam lutar para manterem a tradição e atividade crítica (Candido *apud* Rocca, 2018: 67-68)¹⁰.

Nesse bojo, é bom lembrarmos que enquanto Rama precisou mudar constantemente de país, deixando Montevidéu e passando por San Juan, em Porto Rico, Caracas, localizada na Venezuela e Washington, capital dos Estados Unidos da América, e de universidades, nas quais escreveu importantes obras, como *Los gachipolíticos rioplatenses*, de 1976, e *Transculturación narrativa em América Latina*, lançado em 1982. Candido, por sua vez, conseguiu-se manter no Brasil, contribuindo nas tentativas de resistência democrática ao regime militar e tentando manter uma atividade intelectual independente nas Universidades de São Paulo e de Campinas, além da edição de importantes revistas, por vezes censuradas pelo governo militar, como *Argumento* e *Almanaque*, nas quais Ángel Rama contribuiu algumas vezes. Ademais, é preciso apontar que enquanto Rama adentrou no sistema universitário apenas em 1966, como catedrático de Literatura Hispano Americana da Faculdade de Humanidades e Ciências de Montevidéu (1966-1972), Candido já havia ingressado no ano de 1942 como assistente de ensino da cadeira de Sociologia II da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, passando, após estadia de dois anos (1968-1960) como professor de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, em 1961, a lecionar na cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada (Ramassote, 2009). Situações, deslocamentos e diferenças presentes em seus comunicados, nos quais o uruguaio regularmente pedia que seu endereço fosse trocado e em que o brasileiro negociava envio de textos e idas ao exterior para encontrar Rama e seu círculo próximo de críticos e professores.

À vista disto, nota-se certa assimetria (Rocca, 2018: 10) entre os críticos, de modo que a posição que ocupavam nos sistemas culturais e universitários de seus países poderia ser, hipoteticamente, um dos elementos explicativos do deslocamento constante de um e a possibilidade de outro não ter sido exilado¹¹.

10 Temos em vista que Rama e Candido abarcam em suas cartas experiências políticas para além do Brasil e do Uruguai, dado que trazem à baila os cenários políticos de outros países latino-americanos, como é o caso do Chile, pátria de vários colegas e amigos, sobre o qual Rama diz: “É uma ratoeira monstruosa onde trancaram boa parte do melhor que temos na América” (Rama *apud* Rocca, 2018: 72).

11 Com isso, como já dissemos, não queremos argumentar que isso determinaria o fato de um ter sido exilado de seu país e outro não, mas sim que os lugares ocupados por eles nos campos citados poderiam ajudar a entender essa diferença. Porém, isso só ficaria claro caso houvesse uma comparação sistemática entre as ditaduras no Brasil e no Uruguai, bem como seus modos de repressão e formas de violência, os quais, evidentemente, estão fora do escopo deste texto. Além disso, de modo algum essa hipótese implica num juízo de valor sobre a importância e a qualidade de Rama e Candido e igualmente de suas obras.

No entanto, apesar da referida dissimetria, o diálogo e as trocas intelectuais entre os dois foram produtivos em suas obras e bastante frutífero ao pensamento latino-americano em geral.

De acordo com o que podemos depreender do diálogo epistolar entre os dois críticos, Candido tirou lições preciosas de Rama quanto ao aprendizado e maior atenção à literatura e ao objetivo utópico latino-americano, indo, gradativamente, desde o interesse pelo crítico brasileiro na confecção de cursos de pós-graduação, para os quais pede ajuda e até a vinda do crítico uruguaio (Candido *apud* Rocca, 2018: 55-57; 71), até a constituição de um núcleo de atividades sobre literatura e cultura latino-americanas na Universidade de Campinas e a sua importante participação na biblioteca Ayacucho e nos congressos de escritores na Casa das Américas em Havana (Candido *apud* Rocca, 2018: 152-153). Ressalte-se também a impressão causada a Candido por ensaios e livros como *La generación crítica* (Rama, 1972) e *Médio Siglo de la Narrativa Latinoamericana* (1922-1972) (Rama, 2008), a partir dos quais pode travar contato com o fato de as literaturas nacionais latino-americanas também terem sido forjadas com uma postura decididamente emprenhada – aproximando-se do caso brasileiro e de um dos pontos decisivos de sua argumentação em *Formação da literatura brasileira* (Candido, 2013) – e a ideia de que o conceito de sistema literário, inicialmente pensado por Candido em seu livro recém-citado, poderia ser traduzido para uma escala continental, ou melhor, latino-americana. Isso tudo, sem perder as especificidades nacionais, visto que, para Rama, o sistema latino-americano teria se formado com base na dialética entre vanguarda, representando ruptura radical com o passado e de inspiração europeia, e regionalismo, alicerçado na continuidade com o passado e na valorização das tradições locais. Sínteses modelares, conforme pensava Rama, desse vai-e-vem entre local e cosmopolita estariam presentes em escritores como José María Arguedas, Gabriel García Márquez e João Guimarães Rosa, dentre outros.

Ángel Rama, por seu turno, também sofrerá forte influência dos escritos de Candido. Em sua trajetória, o crítico uruguaio incorporará do autor brasileiro principalmente seus conceitos de sistema literário e super-regionalismo. Em conhecida definição, Antonio Candido dizia ser a literatura propriamente dita, em contraposição às manifestação literárias, um sistema dotado de alguns denominadores em comum, como a existência de escritores e produtores literários, um tanto conscientes de seu papel; um conjunto de receptores constituindo diferentes tipos de público, sem o que a obra não vive, e um mecanismo transmissor, ou uma linguagem encarnada em estilos distintos, a qual liga uns elementos a outros (Candido, 2013). Tal ideia, conforme sugere Rocca (2018: 18),

seria decisiva para que Rama se afaste do marxismo vulgar na crítica literária e da sociologia da literatura, os quais, cada um ao seu modo, impediriam que o crítico uruguaio tivesse em vista as especificidades do fenômeno literário e sua autonomia relativa, cuja força crítica é revelada pela noção de Candido (Cf. Rama, 2006: 40-52).

Já por super-regionalismo o crítico brasileiro entende como a terceira fase da chamada *literatura regionalista brasileira*. A primeira, nomeada *regionalismo pitoresco*, correspondia à consciência eufórica do Brasil como país novo, marcada pela ideia de atraso como vantagem a ser utilizada em sua transformação. Num segundo momento, teríamos o regionalismo problemático, calcado na noção de subdesenvolvimento e seu destaque à pobreza e à falta de civilidade. Em sua terceira fase, contudo, assiste-se a ascensão do chamado *superregionalismo*, caracterizado, a despeito do desenvolvimento interno dos momentos anteriores, tanto pela consciência dilacerada do subdesenvolvimento quanto pelo “refinamento técnico, graças ao qual as regiões se transfiguram e os seus contornos humanos se subvertem, levando os traços antes pitorescos a se desencarnarem e adquirem universalidade” (Candido, 2011: 195). Aqui, em solo brasileiro, destaca-se Guimarães Rosa, todavia, Candido estende-a para outros países latino-americanos ao entroncar Juan Rulfo e Vargas Llosa nesta tradição, categoria cuja participação na troca do conceito de aculturação pelo de transculturação, entendida como passagem e hibridização das forças sociais e culturais, não foi menor no crítico uruguaio (Rocca, 2018: 28)¹².

Em meio ao diálogo dos dois críticos, é possível vislumbrar, ainda, um problema objetivo, já largamente sugerido por autores variados no pensamento político e social latino-americano, dentre eles Bilbao (1995), Mignolo (2012), Prado (1985), Lima (1899) e Nabuco (1949), a saber: a difícil, seja por questões culturais e/ou coloniais, vinculação do Brasil à América Latina. Nesse diapasão, é interessante levar em conta comentários feitos por Rama quando da conformação de congressos continentais de literatura ou da constituição da coleção Ayacucho, os quais giravam em torno da ideia de que para ele e outros pesquisadores e críticos latino-americanos “[...] o Brasil é um enorme desconhecido” (Rama *apud* Rocca, 2018: 60). Inversamente, conforme já fora dito aqui, também foram numerosas as vezes em que Candido pedira ao companheiro uruguaio referências literárias e críticas de seu país e de outras nações ibero-americanas. Um dado histórico e material que faz com que as trocas entre Candido e Rama não sejam inócuas, mas sim essenciais para sedimentação de uma cultura crítica e utopia

12 Ver, por exemplo, carta de 8 de Novembro de 1973 (Rama *apud* Rocca, 2018: 79-81).

latino-americanas, assentadas num ponto de fuga popular e democrático. Utopia virtual e não realizada, todavia, necessária.

Referências:

- BILBAO, Francisco. Iniciativa de la América. Idea de un Congreso Federal de las repúblicas. In: ZEA, Leopoldo (Org.). *Fuentes de la cultura latino-americana*. México, FCE, 1995, pp. 53-66.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2011.
- _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750 – 1880)*. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2013.
- _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro, Ouro Sobre Azul, 2011.
- LIMA, Manoel de Oliveira. *Nos Estados Unidos: impressões políticas e sociais*. Leipzig, F. A., Brockhaus, 1899.
- MIGNOLO, Walter. *The idea of Latin America*. Malden, Blackwell Publishing, 2012.
- NABUCO, Joaquim. A parte da América na civilização; A aproximação das duas Américas. In: _____. *Obras completas. v. X. Pensamentos soltos; Camões e Assuntos Americanos*. São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1949, pp. 445-470.
- PRADO, Eduardo. *A ilusão americana*. Paris, Armand Colin et Cie., Éditeurs, 1895.
- RAMA, Ángel. *La generación crítica; 1939-1969*. Montevideo, Arca, 1972.
- _____. *Literatura, cultura, sociedade en América Latina*. Montevideo, Trilce, 2006.
- _____. Medio siglo de narrativa latinoamericana (1922-1972). In: RAMA, Angel. *La novela en América Latina: panoramas 1920-1980*. Santiago, Editora Universidad Alberto Hurtado, 2008, pp. 115-227.
- RAMASSOTE, Rodrigo Martins. Na sala de aula: Antonio Candido e a crítica literária acadêmica. *Literatura e Sociedade*, v. 14, n. 12, 2009, pp. 88-101.
- ROCCA, Pablo (Ed.). *Conversa cortada: a correspondência entre Antonio Candido e Ángel Rama*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul; São Paulo, Edusp, 2018.

Recebido em 01/11/2018

Aprovado em 10/05/2019

Como citar esta resenha:

- MARINO, Rafael. Diálogo epistolar entre Candido e Rama: em busca da utopia latino-americana. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 9, n. 1, jan.- jun. 2019, pp. 309-314.